

A tradução como dispositivo de pesquisa em grupos de estudo em psicanálise

Translation as a Research Device in Psychoanalytic Study Groups

LINSEI OISHI

RESUMO:

Este trabalho investiga a função da tradução no âmbito de grupos de estudo em psicanálise, a partir da experiência desenvolvida, desde 2022, no Grupo de Tradução e Leitura de Las estructuras clínicas a partir de Lacan, de Alfredo Eidelsztein. Inicialmente concebida como recurso auxiliar à leitura, a tradução desloca-se progressivamente até incidir diretamente sobre as formas de leitura e sobre a produção de saber. A partir da articulação com a disciplina do comentário formulada por Jacques Lacan e com a noção de tradução comentada proposta por Alba Escalante, o trabalho propõe pensar a tradução como dispositivo de pesquisa. Nesse registro, traduzir implica operar no ponto em que a equivalência falha, sustentando o equívoco como operador de leitura e produção de saber. Ao ser articulada ao comentário e à glosa dos impasses, a tradução deixa de funcionar apenas como transmissão de um texto e passa a constituir um campo de investigação que incide diretamente sobre a produção teórica em psicanálise.

PALAVRAS-CHAVE: tradução – psicanálise – comentário – equívoco – dispositivo – pesquisa.

ABSTRACT:

This paper investigates the function of translation within psychoanalytic study groups, based on the experience developed since 2022 in the Translation and Reading Group of Las estructuras clínicas a partir de Lacan, by Alfredo Eidelsztein. Initially conceived as an auxiliary resource for reading, translation progressively shifts to directly affect modes of reading and the production of knowledge. Drawing on the articulation with the “discipline of commentary” formulated by Jacques Lacan and the notion of “commented translation” proposed by Alba Escalante, the paper proposes thinking translation as a research device. In this framework, translating implies operating at the point where equivalence fails, sustaining equivocation as an operator of reading and knowledge production. When articulated with commentary and the glossing of impasses, translation ceases to function merely as the transmission of a text and instead constitutes a field of inquiry that directly affects theoretical production in psychoanalysis.

KEYWORDS: translation – psychoanalysis – commentary – equivocation – device – research.

“Que a gente fala resta esquecido por trás do que se diz naquilo que se entende.”

— Jacques Lacan, *L'Étourdit*¹

¹ Lacan, J. (2001). *L'Étourdit*. In: *Autres écrits*. Paris: Seuil, p. 449. (tradução nossa).

Introdução:

Em 2022, a partir da representação de APOLa em Uberlândia, ofereci um grupo de estudos voltado à leitura e ao comentário de um dos livros de Alfredo Eidelsztein: *Las estructuras clínicas a partir de Lacan, vol. I*. O grupo foi concebido inicialmente como uma atividade de leitura, mas, ao me deparar com a dificuldade de alguns participantes em ler em espanhol, me vi improvisando uma tradução simultânea bastante precária. Isso produziu um deslocamento progressivo no formato da atividade: de um grupo de estudos voltado à leitura e ao comentário do texto para um grupo de pesquisa em que a própria tradução passou a ocupar o lugar central do trabalho.

A partir desse deslocamento, ao me deparar com os impasses da tradução, comecei a perceber que eles incidiam diretamente sobre a leitura que vínhamos construindo.

O que apresento aqui não se constitui apenas como análise posterior dessa experiência, mas como relato de um percurso no qual também me encontrava implicado. Ao longo do trabalho, deixei progressivamente a posição de alguém que apenas conduzia ou observava um grupo de estudos para me ver participante dos próprios impasses que a tradução produzia. Nesse sentido, esta escrita não busca ocupar um lugar exterior ao processo, mas comunicar os efeitos que esse trabalho produziu sobre nossa leitura e sobre minha própria relação com o texto.

Partimos inicialmente de uma leitura em que a tradução funcionava sobretudo como recurso auxiliar, uma forma de acessar o texto para, posteriormente, assumir uma função metodológica, incidindo diretamente sobre o modo como líamos. Aos poucos, o texto deixou de ser apenas algo a ser compreendido e passou também a nos interrogar, colocando em questão a própria leitura que vínhamos construindo.

Em alguns momentos, uma única palavra passou a ocupar todo o encontro. Não era raro que diferentes possibilidades de tradução nos levassem a leituras bastante distintas de um mesmo trecho, fazendo com que voltássemos repetidamente aos mesmos trechos. Aos poucos, o que inicialmente aparecia apenas como dificuldade começou a modificar o próprio modo como líamos, comentávamos e discutíamos Lacan no grupo.

É desse deslocamento que parte este trabalho. A questão que ele me deixou, e que ainda organiza esta escrita, é como pensar a tradução, no âmbito de um grupo de estudos em psicanálise, não apenas como ferramenta auxiliar, mas como operador e método de pesquisa.

Foi sobretudo a partir das formulações de Alba Escalante e Karime Colares sobre tradução comentada e da noção de zona de tradução² que comecei a situar o equívoco não como um obstáculo

² Escalante, A; Colares, K. (2023). Esboço cartográfico de tradução e psicanálise: por uma ética da relação. *O Rei Está Nu*, ano 3, n. 3, p. 9.

à tradução, mas como operador de leitura. Em vez de algo a ser eliminado em nome da equivalência ou da transparência do sentido, o equívoco passou a indicar justamente o ponto em que o trabalho tradutório se tornava possível.

Ao discutir a experiência da tradução entre línguas próximas, Escalante e Colares escrevem:

Em meio ao trabalho de investigação que implica traduzir, quando não estamos sujeitos aos imperativos do mercado e levamos a sério [o trabalho de tradução], surge a pergunta provocada por um deslocamento da posição monolíngue. De que raios Lacan está falando quando comenta sobre traduções? [...]³

Entramos na zona de tradução, ou seja, entramos em suas confusões, suas gagueiras, seus interstícios. Para os falantes de espanhol, zona não tem a mesma homofonia que existe em português, mas a do português só chega até nós porque estamos entre línguas. Existe a possibilidade de que a homonímia não seja escutada, mas também a possibilidade de fazê-la ser ouvida.⁴

A formulação de Escalante e Colares me ajudou a nomear algo que já vinha acontecendo no trabalho do grupo. Muitas vezes, as discussões avançavam justamente nos pontos em que a tradução parecia falhar ou suspender uma compreensão mais imediata do texto. Certas palavras produziam impasses persistentes, deslocando leituras já estabilizadas e exigindo que retornássemos continuamente aos mesmos trechos.

Foi a partir daí que comecei a perceber, no próprio andamento do grupo, que os impasses da tradução não eram exteriores à leitura. Eles interrompiam, faziam voltar, deslocavam decisões já tomadas. Em vez de atrapalharem o trabalho, colocavam o próprio trabalho em movimento.

Aos poucos, comecei a me perguntar se a tradução talvez não abrisse outra relação com o texto, diferente daquela orientada apenas pela equivalência entre línguas. O que surgia no trabalho do grupo indicava que o ato tradutório não operava somente como instrumento para restituir um sentido supostamente estável. Havia algo, nos próprios equívocos produzidos pela leitura, que insistia e nos obrigava a retornar continuamente ao texto.

Foi nesse percurso que a tradução passou a aparecer, para mim, como uma prática de leitura sustentada justamente por esses pontos de impasse. Nesse registro, ela se aproxima daquilo que Alba Escalante, a partir da disciplina do comentário formulada por Lacan, lê como uma leitura “à letra”.⁵

³ Ibidem. p. 5.

⁴ Ibidem. p. 9.

⁵ Escalante, A. (2015). *Semejantes extraños: traducción comentada de “O sujeito e seu texto”, de Teresa Palazzo Nazar*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.

Não se trata aqui de alcançar uma compreensão imediata ou uma transparência do sentido. O que essa leitura acompanha é a incidência do significante justamente ali onde o texto resiste à compreensão:

É nisso que o método dos comentários se revela fecundo. Comentar um texto é como fazer uma análise. Quantas vezes não fiz observar àqueles que controlo, quando me dizem – Acredito ter compreendido que ele queria dizer isto, e aquilo – uma das coisas que mais devemos evitar é compreender muito, compreender mais do que existe no discurso do sujeito. Interpretar e imaginar que se compreende não é de modo algum a mesma coisa. É exatamente o contrário. Eu diria mesmo que é na base de uma certa recusa de compreensão que empurramos a porta da compreensão analítica.⁶

Trata-se, na tradução, de uma leitura que acompanha o discurso em sua materialidade significativa, sem antecipar um sentido que venha fechar seus equívocos.

Ao longo desta escrita, fui me afastando da ideia da tradução como simples correspondência entre línguas. O próprio trabalho do grupo fazia aparecer outra coisa: traduzir implicava ler, escrever, retornar ao texto, sustentar dúvidas que muitas vezes permaneciam sem resolução. Com o tempo, a tradução deixou de se apresentar apenas como passagem entre idiomas e começou a operar como uma prática de leitura e escrita sobre o texto.

Traduzir implica uma perda, ou melhor, uma perda estrutural, já que não há equivalência plena entre sistemas linguísticos. E foi justamente nesses pontos de falha, naquilo que inicialmente aparecia como dificuldade, que o trabalho começou a se abrir, não sem certa proximidade com aquilo que Lacan situa na experiência analítica a partir do método dos comentários.

1. Da tradução ao comentário: deslocamento do método

Ao me deparar com esse deslocamento no eixo de trabalho do grupo, passei a buscar por uma fundamentação teórica que pudesse orientar essa nova perspectiva. Foi nesse percurso que aquilo que Jacques Lacan desenvolve, entre 1954 e 1957, como “disciplina do comentário”, no contexto de seu chamado “retorno a Freud”, começou a me servir como operador para pensar a tradução. Nesse momento de seu ensino, Lacan propõe uma prática de leitura que não se reduz à exegese ou à explicação de um texto, mas que o submete a uma prova, isto é, a um trabalho que busca testar sua resistência e sua capacidade de produzir efeitos de verdade em relação às questões do atual.

É precisamente nesse sentido que Lacan escreve:

⁶ Lacan, J. (1986). *O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud, 1953–1954*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 90.

Textos que se mostram comparáveis justamente àqueles que a veneração humana, noutros tempos, revestiu dos mais altos atributos, por resistirem à prova da disciplina do comentário, cuja virtude é reencontrada ao nos servirmos dela segundo a tradição, não apenas para substituir uma fala no contexto de sua época, mas para avaliar se a resposta que ela dá às perguntas que levanta é ou não ultrapassada pela resposta que encontramos para as questões do atual.⁷

Foi a partir desse horizonte teórico que comecei a situar a tradução em sua articulação com a disciplina do comentário. À medida que a tradução ia sendo deslocada de sua função instrumental, começou a produzir um efeito importante: ao invés de operar apenas como meio de acesso ao texto, passou a se inscrever como dispositivo de leitura. Traduzir implicava, naquele momento, decidir continuamente entre termos não equivalentes, de modo que cada escolha tradutória introduzia uma diferença. Nessa direção, comecei a perceber que a tradução não transmitia um conteúdo estável, mas reinscrevia o texto em outro regime de leitura, produzindo efeitos que não eram previsíveis nem previamente dados.

No *Seminário 5*, ao comentar o caso Signorelli, apresentado por Freud em *A psicopatologia da vida cotidiana*, Lacan oferece uma formulação importante para pensar a tradução em sua articulação com a cadeia significante. É nesse contexto que ele introduz a noção de “substituição heteronímica”, situando a tradução como uma operação de substituição entre termos não equivalentes:

Voltemos ao que se produz no nível de Signor e Herr. A ligação substitutiva de que se trata é uma substituição chamada heteronímica. É o que acontece em qualquer tradução – a tradução de um termo em uma língua estrangeira no eixo substitutivo, na comparação exigida pela existência de diversos sistemas linguísticos, chama-se substituição heteronímica.⁸

A formulação de Lacan permite pensar que traduzir não implica apenas substituir um termo por outro equivalente, mas operar uma passagem entre sistemas linguísticos distintos, em que cada escolha introduz um deslocamento no campo do significante. Nesse sentido, toda tradução supõe um posicionamento frente ao texto, já que a escolha de um termo implica uma leitura da estrutura em jogo.

No campo da psicanálise, essa dimensão torna-se ainda mais evidente. Em *Las estructuras clínicas a partir de Lacan*, Alfredo Eidelsztein, ao se deparar com termos como *forclose*, *tiré* ou *ce qui se*

⁷ Idem. (1998). A coisa freudiana. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 405.

⁸ Idem. (1999). *O seminário, livro 5: As formações do inconsciente, 1957–1958*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 44.

déroule, não encontra correspondências diretas em espanhol. Mas não apenas isso: ao se confrontar com escolhas tradutórias já estabelecidas em versões oficiais, propõe outras soluções, orientadas por aquilo que considera mais coerente com a lógica do texto lacaniano tomado em seu conjunto.

Nesse movimento, a tradução já não aparece apenas como busca de equivalências linguísticas. As escolhas tradutórias começam a responder também à leitura que Eidelsztein sustenta do ensino de Lacan e à coerência lógica que procura formalizar.

Ao discutir o termo *tiré*, Eidelsztein escreve:

En francés dice: “tiré”, que significa, entre otras acepciones, “estirado”, también quiere decir “sacado”, como por ejemplo en “tirer de sa poche”, que significa sacar de su bolsillo. Pero hay un significado que parece el más adecuado para la cita, y que también se lo encuentra en castellano. “Tirer” significa “trazar” y “tiré”, “trazado”. En español se lo encuentra, por ejemplo, en “tiralíneas”, el dispositivo que sirve para trazar líneas. Tirar líneas es entonces trazar líneas. De tal forma que aquí “tirer” indica que el sujeto está trazado y no estirado.⁹

O que está em jogo aqui não é apenas uma escolha lexical mais adequada, mas uma decisão orientada pela própria leitura da formalização lacaniana. Ao optar por “traçado” em vez de “esticado”, Eidelsztein procura preservar uma determinada concepção do sujeito articulada à lógica do significante, produzindo, a partir da própria tradução, efeitos conceituais no interior da teoria.

Em outro momento, ao comentar a expressão *ce qui se déroule*, afirma:

En francés Lacan no dice exactamente eso, sostiene en vez de “tiene lugar”, “ce qui se déroule”, que quiere decir: lo que toma lugar en el tiempo y el espacio. El traductor eligió un término que sólo indica la dimensión espacial. Lacan está estableciendo que las dos dimensiones, tiempo y espacio, están en juego.¹⁰

Mais uma vez, a questão tradutória ultrapassa o problema da equivalência entre termos. A escolha de uma tradução implica sustentar determinada leitura da estrutura conceitual do texto, já que, segundo Eidelsztein, ao privilegiar apenas a dimensão espacial, perde-se uma articulação fundamental da formulação lacaniana.

Foi justamente nesses pontos que o equívoco começou a ganhar outra função no trabalho do grupo. Em vez de aparecer como erro ou ruído da tradução, passava a operar como aquilo que nos obrigava a retornar ao texto.

⁹ Eidelsztein, A. (2019). *Las estructuras clínicas a partir de Lacan*. Vol. I. 6. ed. Buenos Aires: Letra Viva, p. 126

¹⁰ Idem. (2019). *Las estructuras clínicas a partir de Lacan*. Vol. I. 6. ed. Buenos Aires: Letra Viva, p. 123.

Como indica Alfredo Eidelsztein, ao discutir problemas de tradução no interior da leitura de Lacan, cada escolha implica uma formalização distinta da relação do sujeito com o Outro. A tradução, nesse contexto, opera como um ponto de incidência teórica.

Segundo a leitura que buscamos sustentar durante o trabalho do grupo, é precisamente esse movimento que caracteriza o trabalho de Eidelsztein em *Las estructuras clínicas a partir de Lacan*. Sua leitura se constrói a partir de um trabalho sistemático de comentário e tradução, no qual o texto lacaniano é retomado não para ser esclarecido, mas para ser formalizado de outro modo. Ao fazê-lo, Eidelsztein introduz um deslocamento no campo psicanalítico, ao romper com o pacto implícito de compreensão segundo o qual falar a mesma língua garantiria o entendimento. Esse rompimento pode ser situado, com Eidelsztein, como condição de uma leitura que se orienta não pela compreensão, mas pela coerência lógica dos conceitos, sustentando o trabalho sobre o texto a partir de suas articulações internas e não de sua inteligibilidade imediata. Nesse ponto, sua proposta pode ser situada em articulação com a disciplina do comentário lacaniano, ao mesmo tempo em que a radicaliza ao introduzir um nível de formalização orientado pela lógica.

A experiência do grupo de tradução permitiu localizar esse deslocamento no trabalho do grupo. Traduzir linha por linha implicou confrontar-nos com a impossibilidade de estabilizar o sentido, de modo que cada impasse tradutório exigiu uma decisão que nos recolocava diante da estrutura do texto. O que se produzia, assim, não era apenas uma versão em outra língua, mas um campo de investigação que emergia do próprio ato de traduzir.

Assim, a passagem da tradução ao comentário não deve ser entendida como uma simples ampliação de procedimentos, mas como um deslocamento de posição frente ao texto. Traduzir deixa de ser um meio de compreensão para tornar-se uma prática que, ao sustentar a opacidade do texto e seus equívocos, opera diretamente na produção de saber.

Não se trata, portanto, de compreender o texto, mas de operá-lo, isto é, produzir efeitos de leitura a partir de sua própria estrutura significante, recolocando o texto em outro campo de leitura.

2. Tradução comentada: glosa dos impasses

Foi neste percurso que nos deparamos com uma proposta de Alba Escalante que nos ajudou a desenvolver a articulação entre tradução e comentário: a noção de “tradução comentada”. Nessa perspectiva, a tradução não se reduz à transposição de um texto entre línguas, mas implica um trabalho que se desdobra para além do produto final, incorporando os impasses que atravessam o ato tradutório.

Escalante propõe uma noção que nos permitiu avançar em nosso percurso, segundo a qual o comentário pode funcionar como “testemunho em diferido”¹¹ desses desdobramentos, isto é, como uma escrita que recolhe aquilo que não se resolve no processo de tradução. Em vez de eliminar as dificuldades em nome de uma suposta transparência, a tradução comentada sustenta o que resiste à equivalência, transformando esse resto em matéria de trabalho.

A partir daí, traduzir passou a implicar também glosar, isto é, escrever a partir dos pontos em que a tradução não se resolvia completamente. A glosa começava então a acompanhar os impasses produzidos pela leitura, sustentando aquilo que resistia à estabilização do sentido.

Esse deslocamento implicou uma reconfiguração da função do comentário. Não se tratava mais da busca por esclarecer o texto ou justificar decisões tradutórias de maneira externa, mas de inscrever, no próprio trabalho, os efeitos produzidos pela impossibilidade de uma tradução total. Como nos indica Escalante:

A disciplina do comentário, que historicamente acompanhou a tradução, tende a glosar os contratempos. Não serei eu a fazer o contrário. Mas, além de salvaguardar decisões, ao privilegiar aspectos definidos por sua dificuldade, proponho que um problema é aquele que se presta a possíveis soluções e aponta para o caráter sempre parcial do texto traduzido. Assim, enfatizo o tom dialético da problemática e apresento os resultados no próprio terreno de sua discussão.¹²

O problema tradutório, nesse sentido, não aparece como algo a ser definitivamente resolvido, mas como aquilo que mantém em aberto o próprio campo de trabalho. A glosa dos impasses não visa eliminar as dificuldades da tradução, mas sustentar seus efeitos e desdobramentos no próprio processo tradutório.

Essa orientação encontra ressonância na disciplina do comentário formulada por Jacques Lacan, na medida em que ambas recusam a redução do texto a um sentido estabilizado. Tanto no comentário quanto na tradução comentada, trata-se de sustentar o mal-entendido como operador de leitura. A glosa, nesse contexto, não corrige o equívoco, mas o prolonga, fazendo dele uma via de acesso à estrutura do discurso.

A noção de glosa, nesse ponto, adquiriu um estatuto decisivo em nosso grupo de trabalho. Em seu uso corrente, designa anotações destinadas a esclarecer passagens difíceis. No entanto, na formulação de Escalante, a glosa ultrapassa essa função pedagógica, assumindo um caráter crítico e discursivo.

¹¹ Escalante, A. (2023). Cartografia de um comentário de tradução. *Revista de Letras*, v. 42, n. 1, p. 342.

¹² Idem. (2015). *Semejantes extraños: traducción comentada de “O sujeito e seu texto”, de Teresa Palazzo Nazar*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, p. 267.

Glosar não é explicar, mas interrogar o texto a partir de seus pontos de falha, reinscrevendo o que escapa como elemento constitutivo do trabalho.

Essa concepção também faz aparecer outra dimensão da tradução comentada. Traduzir implica um posicionamento frente ao texto, colocando em questão qualquer ideal de neutralidade. Ao mesmo tempo, evidencia que as escolhas tradutórias produzem efeitos no interior do próprio campo teórico.

Nessa direção, traduzir não é apenas fazer passar um texto, mas reinscrevê-lo em outro campo discursivo, transformando-o.

A experiência do grupo de tradução e leitura permitiu localizar esse movimento no trabalho coletivo. As dificuldades encontradas ao longo do processo não eram apagadas, mas frequentemente retomadas, discutidas e recolocadas em trabalho. As escolhas tradutórias funcionavam menos como soluções finais do que como pontos de abertura, convocando novas leituras e rearticulações conceituais.

Com o tempo, tornou-se difícil separar tradução e comentário no trabalho do grupo. Muitas vezes, traduzir já implicava comentar, assim como comentar nos obrigava a retornar às próprias escolhas tradutórias.

Desse modo, a tradução comentada não aparece como algo posterior à tradução, mas como algo que se produz no próprio ato de traduzir. Traduzir e comentar tornaram-se operações indissociáveis, na medida em que ambas operavam a partir de um limite estrutural. O que se produz, nesse processo, não é um sentido fechado, mas a própria experiência do impasse, elevada à condição de método.

3. A tradução como dispositivo de pesquisa

Ao recorrer à noção de dispositivo, não busco designar uma estrutura fixa ou mobilizar o termo em seu sentido foucaultiano, mas indicar um modo de organização do trabalho que incide sobre a produção de saber. A partir do percurso do grupo de tradução e leitura, tornou-se possível situar a tradução não apenas como prática auxiliar, mas como um dispositivo de pesquisa no campo da psicanálise. Esse deslocamento implicou uma mudança de estatuto: a tradução deixou de ser compreendida como meio de acesso a um texto para operar como condição de produção de saber.

O percurso do grupo foi fazendo aparecer essa articulação entre tradução, comentário e equívoco. Como vimos até aqui, traduzir implica operar no ponto em que a equivalência falha, isto é, no lugar em que o significante não se deixa reduzir a um sentido estável. É nesse ponto que a tradução se aproxima daquilo que Alba Escalante, a partir da disciplina do comentário formulada por Lacan, situa como uma leitura “à letra”, uma prática que se orienta não pela compreensão, mas pela incidência do significante.

Ao mesmo tempo, ao ser articulada à disciplina do comentário, a tradução se inscreve em um método que não visa esclarecer o texto, mas submetê-lo, como já mencionado, a uma prova em relação às questões do atual. Traduzir, nesse contexto, não é restituir um sentido, mas colocar o texto em trabalho, fazendo-o responder novamente a partir de outro campo discursivo.

A contribuição de Alba Escalante permite radicalizar essa perspectiva ao introduzir a noção de tradução comentada como prática que sustenta os impasses do ato tradutório. Ao glosar as dificuldades, o tradutor não elimina o que escapa, mas o reinscreve como operador de trabalho. A tradução torna-se, assim, um lugar de produção, e não apenas de passagem entre línguas.

Assim, podemos afirmar que a tradução, quando praticada nesse registro, funciona como dispositivo. Não se trata aqui de um dispositivo técnico, mas de um modo de organização do trabalho que produz determinados efeitos de leitura e pesquisa. Traduzir, nesse contexto, convoca o leitor a uma posição, exigindo sustentar o não saber e operar a partir dele.

A experiência do grupo de tradução e leitura nos permitiu localizar esse funcionamento. O trabalho coletivo, sustentado pela leitura linha a linha, produziu um espaço no qual os impasses não eram contornados, mas tomados como ponto de partida. Cada dificuldade tradutória operava como convocação à teoria, exigindo a mobilização de conceitos e a rearticulação do texto. O que se produzia, assim, não era apenas uma versão traduzida, mas um campo de investigação.

Essa dimensão nos permitiu também recolocar a questão da leitura dos textos psicanalíticos. Traduzir Jacques Lacan, Sigmund Freud ou Alfredo Eidelsztein não implica apenas fazer circular seus textos em outra língua, mas produzir as condições para que esses textos sejam novamente lidos. A tradução, a partir disso, não apenas reinscreve esses textos em outra língua, mas cria condições para que um saber volte a operar em outro contexto.

Desse modo, a tradução, neste grupo de trabalho, pode ser pensada como um dispositivo que articula leitura, escrita e pesquisa. Ao sustentarmos o equívoco como operador, ela impedia a fixação de um sentido único, mantendo aberto o campo da interpretação. Ao mesmo tempo, ao exigir decisões a cada passo, nos implicava nesse ato, fazendo da leitura uma prática de produção.

Por fim, a tradução, quando praticada nesses termos, aproxima-se do próprio funcionamento do discurso psicanalítico. Assim como na análise, não se trata de alcançar um sentido último, mas de operar com aquilo que insiste e retorna na cadeia significante. Traduzir, nesse registro, é trabalhar nesse intervalo, fazendo do impasse não um obstáculo, mas o ponto de partida de uma experiência de saber.

Considerações finais

Ao longo do trabalho do grupo, a tradução deixou de aparecer apenas como recurso auxiliar e passou a operar como um dispositivo de pesquisa em psicanálise. O texto já não aparecia apenas como algo a ser compreendido. O próprio trabalho de tradução exigia retornar continuamente a seus pontos de impasse, recolocando-o em movimento.

Ao articular tradução, comentário e equívoco, o grupo começou a fazer aparecer outra relação com o saber. Muitas vezes, era justamente nos pontos em que a equivalência falhava que novas leituras se tornavam possíveis. Nessa direção, traduzir não é restituir um conteúdo, mas sustentar um limite, fazendo dele operador de leitura.

Como indica Jacques Lacan, a disciplina do comentário submete o texto a uma prova em relação às questões do atual. A tradução, ao operar nesse mesmo registro, reinscreve o texto em outro campo discursivo, produzindo efeitos que não estavam previamente dados. Quando a tradução passava a operar nesse registro, o texto deixava de permanecer idêntico a si mesmo. Novas articulações apareciam, certas leituras perdiam estabilidade e outras se tornavam possíveis.

É nesse ponto que a noção de tradução comentada, tal como formulada por Alba Escalante, permite situar a glosa dos impasses como parte integrante do trabalho, e não como etapa suplementar.

Talvez um dos efeitos mais importantes desse percurso tenha sido a transformação da própria leitura. Nesse percurso, traduzir deixou de operar apenas como passagem entre línguas e começou a modificar radicalmente a forma como eu lia os textos. Não apenas os textos de Lacan ou Eidelsztein, mas a própria experiência de leitura passou a se organizar de outro modo.

Antes disso, muitas vezes eu lia traduções como se o autor escrevesse diretamente em minha própria língua. O trabalho tradutório permanecia quase invisível, reduzido a uma função transparente de passagem entre idiomas. Com o tempo, comecei a ler também o trabalho do tradutor: suas escolhas, notas, comentários, pesquisas e impasses. Certas palavras deixavam de funcionar como unidades estáveis de sentido e começavam a produzir intervalos, retornos, hesitações e deslocamentos que exigiam outra relação com o texto.

A tradução, assim concebida, não se limita a fazer circular um texto, mas intervém em sua leitura, rearticulando-o.

O que se produzia nesse processo não era um saber estabilizado, mas um trabalho contínuo de leitura sustentado justamente pelos pontos em que a tradução deixava de se resolver completamente. Talvez seja nesse intervalo, entre línguas, comentários e impasses, que a tradução possa operar como dispositivo de pesquisa em psicanálise.

BIBLIOGRAFIA:

1. Eidelsztein, A. (2001). *Las estructuras clínicas a partir de Lacan*. Vol. 1. Buenos Aires: Letra Viva.
2. Escalante, A. (2015). *Semejantes extraños: traducción comentada de “O sujeito e seu texto”, de Teresa Palazzo Nazar*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.
3. Escalante, A. (2023). Cartografia de um comentário de tradução. *Revista de Letras*, 42 (1).
4. Escalante, A; Colares, K. (2023). Esboço cartográfico de tradução e psicanálise: por uma ética da relação. *O Rei Está Nu*, ano 3, n. 3, 5-20.
5. Lacan, J. (1985). *O Seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise, 1954–1955*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
6. Lacan, J. (1986). *O Seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud, 1953–1954*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
7. Lacan, J. (1992). *O Seminário, livro 10: A angústia, 1962–1963*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
8. Lacan, J. (1995). *O Seminário, livro 4: A relação de objeto, 1956–1957*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
9. Lacan, J. (1998). A coisa freudiana, 1955. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
10. Lacan, J. (1998). De um desígnio, 1966. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
11. Lacan, J. (1998). Resposta ao comentário de J. Hyppolite sobre a “Verneinung”, 1954. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
12. Lacan, J. (1998). Variantes do tratamento-padrão, 1955. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
13. Lacan, J. (1999). *O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente, 1957–1958*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
14. Lacan, J. (2003). O aturdido, 1972. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
15. Lacan, J. (2008). *O Seminário, livro 16: De um Outro ao outro, 1968–1969*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
16. Lacan, J. (2016). *O Seminário, livro 6: O desejo e sua interpretação, 1958–1959*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
17. Milan, B. (1986). Comentário sobre a tradução de Lacan. Em Lacan, J. *O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
18. Ribeiro, V. (1998). Nota à edição brasileira. Em Lacan, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LINSEI OISHI

Sócio de APOLa e diretor da sede São Paulo. Representante de APOLa em Uberlândia, Minas Gerais. Compõe o comitê editorial da revista de psicanálise *O rei está nu*.

E-mail: oishilinsei@gmail.com